

Outras Linguagens

Roselete Fagundes de Aviz¹

Faz de conta: brincadeira, criação e fantasia



Tanto vazio por todo lugar

Tanto silêncio

Sinto ao chegar

Ao nosso território de brincar (...)

Fernando Brandt e Toninho Horta

Na primeira página, o cenário de “Alice no País das Maravilhas”: o gato, o coelho e outros seres estão por perto. Mas é na flor pintada em papelão que salta aos olhos do leitor, na página seguinte, que encontramos a primeira surpresa: Polegarzinha de olhos bem abertos como quem diz: “Olha eu aqui!”. Na página seguinte, Pinóquio já está no palco para apresentar “O mais surpreendente espetáculo do mundo”. Qual será? Cuidado leitor! O nariz do boneco cresceu ainda mais. As surpresas multiplicam-se nas páginas seguintes, quando reencontramos Naoko, a menina japonesa personagem de outra obra do autor. Nem as belas asas de borboleta que saltam da página escondem seu rosto tão triste. Naoko é uma adolescente que, ao completar catorze anos, ouve do pai que será obrigada a sair da aldeia onde vive para enfrentar a cidade grande a fim de ser transformada em uma “mulher da sociedade”. O leitor ainda sente a tristeza de Naoko, quando os dentes perigosos do lobo

¹ Doutora em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC e atualmente Professora substituta na Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC. E-mail: roseaviz@hotmail.com

saltam da próxima página fazendo com que se projete por trás dos dentes, deixando a mostra uma menina amedrontada que também um dia teve de sair de casa pela estrada a fora. Outras personagens ainda pularão do livro. Outras cenas serão construídas. Mas como um filme², é melhor que o leitor verifique.

Estes “acontecimentos” que experimentei no encontro com o livro-brinquedo “Era uma vez...” suscitaram em mim a necessidade de pensar um pouco mais sobre as crianças suas leituras e brincadeiras.

“Era uma vez...” é um livro esteticamente brilhante. O leitor sentirá que a estratégia do livro é construir outra aventura integrando o destino de personagens conhecidos às estruturas movediças dos papelões. Essas imagens de caráter artístico e que se mostram soltas, livres, por não serem construídas em seguimentos obrigatórios, convidam o leitor a manuseá-las, priorizando o estímulo sensorial. Cada fresta planejada por essa arquitetura pode representar metaforicamente os buracos pelos quais o leitor interage com o texto.

A obra é do francês Benjamin Lacombe, um dos ilustradores de uma nova geração que vem sendo reconhecido no mundo. Ele a assina como ilustrador, ou melhor, como criador e ilustrador dos *pop-ups*. Os *pop-ups* são as imagens que parecem saltar das páginas do livro. São consideradas arte em dobraduras. Um livro *pop-up* exige um trabalho de arquitetura de papel muito sofisticado. Em “Era uma vez...” José Pons foi esse arquiteto. E a tradução do livro foi realizada por Lavínia Fávero.

Na maioria dos livros *pop-ups* predomina a função lúdica da linguagem, uma vez que em tais obras a fronteira entre o livro e o brinquedo é muito tênue. A expressão *livre-jeu* (livro-brinquedo) é originária da França para designar livros brincantes, experimentais, inventivos, performáticos. Tais obras também têm como objetivo expandir o acesso à arte pela criação do interesse lúdico. Por conseguinte, também são designadas como “livros de artista” por valorizarem a manipulação experimental em diferentes linguagens: textuais, visuais, táteis, sonoras, olfativas.

No Brasil, artistas e poetas como Lygia Clark, Hélio Oiticica, Augusto de Campos, Júlio Plaza dentre outros, podem ser considerados como os pioneiros a tratarem o livro como objeto artístico. Com forte influência das artes visuais e poesia visual, durante a década de 1970 e daí em

2 Assista o Book trailer “Era uma vez” - Livro *pop-up* de Benjamin Lacombe, | Editora Positivo (2015), no Youtube.

diante, artistas e poetas aproximam a obra de arte e o livro rompendo com sua estrutura convencional. Se por um lado, muda o modo de comunicar, por outro, mudam-se também os modos de ler.

E o modo de ler o livro brinquedo não seria tratando-o como tal? Como a criança brinca com seu brinquedo? Qual a relação entre o brinquedo e uma obra de arte? Se observarmos uma criança com seu brinquedo encontraremos a pausa. Do latim *pausare*: “fazer uma parada, descansar” o qual originou também a palavra pausa. Talvez aquilo que Roland Barthes denominou como preguiça: “refiro-me a um efeito, não a uma disposição”³, como esclarece o autor. A preguiça, segundo ele, é tática: permite evitar a monotonia dos códigos gráficos, sem se prestar ao conformismo das destruições: ela é, em todos os sentidos da palavra, um tato⁴. Essa pausa é a pausa que a arte proporciona.

O pouso em uma leitura de obra como “Era uma vez...” “indica que a percepção, seja ela visual, auditiva ou outra, realiza uma parada e o campo se fecha, numa espécie de zoom. Um novo campo de observação se reconfigura. A atenção muda de escala”⁵. É como se ela fosse disposta em janelas. Barthes era um exímio praticante dessa atenção. Com muita facilidade fechava o zoom da escrita e abria outras janelas: das tintas ou dos sons no piano. Depois voltava para seu objeto de pesquisa, com outra escuta. É como se abrissemos diversas janelas, atenções diversas. Segundo Vermech (apud Kastrup, 2009), o conceito de janela atencional serve para marcar que existe sempre um quadro de apreensão. Cada janela cria um mundo e cada uma exclui momentaneamente as outras, embora outros mundos continuem presentes. A janela constitui uma referência espacial, mas não se limita a isso. Refere-se especialmente ao problema dos limites e das fronteiras da mobilidade da atenção.⁶ Poderíamos caracterizar essa janela como uma escuta movente porque se reconfigura todo um território de observação a cada movimento. Do latim *januella*, diminutivo de *janua*, seu significado nos leva à porta, acessibilidade. Em se tratando do brincar da criança: uma passagem no tempo do *acontecimento*, da experiência. Nessa perspectiva, outros livros, outros modos de ler solicitam diferentes escutas, criações. Quais os segredos que a brincadeira com o livro (brinquedo!) esconde?

Em meio a todas essas possibilidades que o livro brinquedo oferece o que poderíamos dizer às bibliotecas, às escolas, quando nos deparamos com obras como “Era uma vez...”? Que deixem

3 BARTHES; 2009, p. 174.

4 Ibidem.

5 Ibidem.

6 Ibidem.

as crianças em paz, em seu silêncio. Que as deixem em suas pausas ou solidão inventiva. Mas elas não estão lendo?! Deixem as crianças brincarem. Que belo momento para escutarmos o que as crianças fazem com os livros em vez de falarmos em significados, na ansiedade da explicação. O livro brinquedo é poesia: ritmo de cena, aparição, surpresa. Duração marcada pelas pausas, silêncios: intervalos nos contínuos da leitura prevista. Por tudo isso “não adiantaria explicar porque a explicação exige outra explicação que exigiria outra explicação e que se abriria de novo para o mistério” (LISPECTOR, 1998, P.26).

Por fim, a epígrafe que abre este texto abre um ponto de vista, um lugar de onde se vê a leitura/brincadeira com “Era uma vez...”. Porque longe de ser somente objeto de transmissão do saber, apreciação e deleite, o livro brinquedo pretende uma mudança de posição do leitor: agora, não mais o exílio, mas sim a participação.

Referências Bibliográficas

BARTHES, Roland. **O Óbvio e o Obtuso**. Trad. Isabel Pascoal. Lisboa: Ed. 70, 2009.

LACOMBE, Benjamin. **Era uma vez....** Trad. Lavínia Fávero. Curitiba: Positivo, 2015.

PAIVA, Ana Paula Mathias de. **A aventura do livro Experimental**. Belo Horizonte: Autêntica. São Paulo: Edusp, 2010.